

## FINITUDE, LUTO E ACELERAÇÃO NA PANDEMIA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA

ROBERTA DUARTE DA LUZ<sup>1</sup>; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – luzzroberta@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A morte em suas mais variadas facetas atravessa a vida humana desde que nos entendemos como seres finitos. Ao mesmo tempo, o advento da modernidade, pautada pelo discurso científico e pelo avanço da técnica, trouxe também a evitação do tema, bem como uma progressiva negação da angústia e do sofrimento (HARVEY, 1992). No entanto, no momento atual, essa temática se apresenta de forma estarrecedora em meio à pandemia de Covid-19. De acordo com a Organização Mundial de Saúde<sup>1</sup>, já são mais de 550 mil mortes, apenas no Brasil. Isso nos coloca frente ao processo constante de elaboração de perdas, escancarando nossa fragilidade e a certeza da finitude, bem como a de tudo que vive. Cada amor que se perde deixa vazio o lugar que antes ocupava, trazendo com isso um processo de luto que precisa de tempo para ser sentido e elaborado. Essa é a situação na qual se encontram mais de 550 mil famílias brasileiras - e seus amigos - que perderam alguém. Na verdade, a situação afeta a todos nós porque, em alguma medida, estamos vivenciando lutos por perdas, separações, privações materiais, isolamento ou outras consequências dolorosas desse contexto. Estamos todos vivendo sob ameaça, incertezas e medos, lidando com o caráter incontornável da possibilidade do fim (HOMEM, 2020). A morte iminente nos espreita silenciosa, sem ser vista a olhos nus.

Entretanto, apesar da certeza da finitude, mergulhamos de tal forma na vida acelerada do cotidiano que a morte se tornou algo a ser superado rapidamente, de forma que o sujeito possa continuar operando segundo a lógica da produtividade (ROSA, 2019). Assim, a pandemia de Covid-19 torna necessária a discussão acerca desses temas tão complexos: finitude, aceleração e a lógica instrumental produtivista. Um microrganismo, de repente, evidencia a fragilidade da vida humana e nos deparamos com inúmeras perdas, minimizadas pela tendência à negação da ameaça à vida e pela propagação de outras prioridades, como a esfera econômica, o que produz ainda mais sofrimento. Além disso, segundo FEIJOO (2020), há também uma atmosfera de indiferença com a dor do enlutado, uma vez que as mortes se tornaram frequentes, o que só faz crescer a sensação de solidão e isolamento de quem sofre uma perda, acentuada pela impossibilidade de executar os rituais coletivos de despedida dos amores. Analisar essas questões, à luz da Psicologia, se mostra fundamental como forma de reflexão e de criação de estratégias de enfrentamento.

### 2. METODOLOGIA

---

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: [Brazil: WHO Coronavirus Disease \(COVID-19\) Dashboard | WHO Coronavirus Disease \(COVID-19\) Dashboard](#). Acesso em 02 de agosto de 2021.

O presente trabalho consiste em um estudo teórico, no âmbito da Psicologia, acerca da temática da finitude e do luto, exacerbados coletivamente com o grande número de mortes causadas pela pandemia de Covid-19. Tal fenômeno se desenvolve dentro de um contexto social no qual vigoram narrativas de produtividade e aceleração, que dificultam os processos pessoais e coletivos de elaboração das perdas - evidenciando a importância de investigações sobre este tema, na interseção entre subjetividade e cultura. Tal estudo se desenvolve através do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial - Epochè - e utiliza o método fenomenológico de investigação, bem como o diálogo com a filosofia da existência, através de autores que abordam aspectos ontológicos do humano, como a sustentação da angústia, da dor, da finitude e da incompletude.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto da pandemia de Covid-19 nos colocou subitamente diante da finitude incontornável da condição humana. As mortes não são mais isoladas como costumavam ser e estão presentes nos noticiários, nas redes sociais, todos os dias, desde o início da pandemia, quando não ocorrem dentro do nosso próprio lar. Com isso, a Covid-19 parece ter colocado uma lupa sobre nossa angústia e sobre o medo de morrer. A esse desvelar da relação com a morte e seu respectivo processo de luto coletivo pela pandemia, HOMEM (2020) chamou de agudizar. A experiência de distanciamento social, a necessidade de exposição e o medo constante das perdas em decorrência de um novo vírus interrompeu abruptamente a ideia de um suposto controle sobre a existência, que nos protegia de olhar para sua finitude. Esse processo fez surgir uma experiência coletiva de luto e/ou fantasias de controle, ainda que vivenciadas de forma única para cada pessoa. É preciso olhar para esse sofrimento para que ele possa ser elaborado (HOMEM, 2020).

Entretanto, sentir o luto exige tempo, um tempo raramente disponível na nossa cultura ocidental. Vivemos em um mundo acelerado, cercado por discursos que tomam a perda como fracasso. É preciso “superá-la” o quanto antes e seguir com a rotina de produtividade, da busca pelo prazer. A morte atrapalha, como bem diz a canção de Chico Buarque<sup>2</sup>: “morreu na contramão atrapalhando o tráfego, / ...morreu na contramão atrapalhando o público”. O tráfego da vida não espera velarem os mortos e processarem as mortes. O sofrimento dos enlutados vai na contramão da cultura da aceleração, do exagero, que tenta a qualquer custo preencher os vazios. O público não quer assistir a morte cruzar o seu caminho porque não há tempo para chorá-la (ROSA, 2019).

Essa lógica que nos atravessa está presente também no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, agora disponível na sua 5ª edição (DSM-5), que orienta muitos profissionais de saúde sobre o que é normal e o que é patológico. O DSM-5 traz uma categoria denominada “Transtorno do Luto Complexo e Resistente”, na qual estipula que o período normal do luto em adultos é de 12 meses, e o de crianças, de até 6 meses. Isso contribui para a patologização da dor da perda, determinando a intensidade e o curso desse processo, mas como atribuir um tempo ideal para cada pessoa sofrer a falta? É preciso considerar que a ideia de normalidade contida nos manuais está sujeita às crenças e à cultura de um tempo e lugar específicos, e que cada ser é único também em sua forma de sentir (CARNEIRO, 2017).

---

<sup>2</sup> Construção - composta por Chico Buarque na década de 1970.

Tais determinações sobre o tempo considerado saudável para vivenciar a dor própria da perda gerada pela morte contribuem para a negação da dor, o que pode ocasionar um sofrimento ainda maior. FEIJOO (2019) – a partir de autores que discorreram sobre a relação do ser humano com a dor, como Frederik Buytendijk e Soren Kierkegaard – elenca diferenças entre dor e sofrimento. A dor em si estaria relacionada à tristeza pela perda do ser amado e sua ausência, enquanto o sofrimento seria a dor por ter que sentir a dor quando acreditamos não dever vivenciá-la. Este último está relacionado a um sentimento de revolta característico do ser humano moderno que se ressentente com a finitude e com a dor, que passa a ser considerada como algo vergonhoso. Desse modo, há na forma com a qual se lida com a perda de tantas vidas pela pandemia um forte movimento que busca amenizar ou evitar a dor constitutiva da perda – gerando ainda mais sofrimento. Isso fica evidente através da negação do risco de morte e da negligência com os cuidados necessários para prevenir o contágio por coronavírus - vistos em grande parte da população e do próprio governo.

Além disso, é possível perceber a mesma dinâmica nas relações de trabalho – que prezam pela produtividade, rapidez e multitarefas, que pouco admitem as pausas para o descanso e para o sofrer – uma vez que a licença<sup>3</sup> garantida para pessoas que perderam familiares próximos são dois dias consecutivos. Após esse período, a pessoa deve retornar a sua rotina de trabalho. Isso se agudiza ainda mais durante a crise na qual estamos imersos, colaborando para a manutenção da lógica da sobrecarga e do esgotamento: é preciso estar produzindo, mesmo diante das perdas, seja online, ou tendo que enfrentar um deslocamento, muitas vezes em transportes lotados, onde há alto risco de contágio pelo coronavírus (HOMEM, 2020).

Diante desse cenário, torna-se ainda mais necessário discutir sobre os papéis da Psicologia no que se refere ao manejo do luto e da luta contra a hegemonia da lógica da aceleração. Na perspectiva fenomenológica, a dor é constitutiva da experiência de perda e, portanto, não pode ser curada ou aliviada: mas vivida e atravessada. Nesse caso, a intervenção solicita paciência e obediência à maneira singular com que a dor é sentida sem a preocupação de proporcionar bem-estar ou alívio, mas escutando suas minúcias, uma vez que é justamente a negação da finitude, da dor, do incontornável que causa ainda mais sofrimento (FEIJOO 2019). Para isso, é necessário sair da lógica da rapidez e da pressa em encaixar a dor do enlutado nas teorias e manuais, que buscam bem-estar mediante a opressão de uma experiência singular. Do ponto de vista social, é preciso pesquisar e divulgar formas críticas de leitura da lógica da aceleração denunciada por autores como ROSA (2019), combatendo coletivamente a naturalização desse modo de vida.

#### 4. CONCLUSÕES

A maneira com a qual lidamos com a morte e com o luto tem se modificado ao decorrer do tempo, conforme a cultura na qual estamos inseridos. Assim, no século XXI, vigora a tendência à negação da finitude da vida e da dor. Isso faz com que haja uma supressão das manifestações dos afetos causados pela perda, que precisam acontecer de maneira discreta e não devem se demorar muito para não prejudicar a produtividade exigida (KOVÁCS, 1992). Entretanto, o contexto de perdas e de morte iminente causado pela pandemia de Covid-19 nos coloca frente à realidade de que

---

<sup>3</sup> Informação disponível em: [Direito Garantido: Detalhes sobre licença-onojo - TST.](#)

tudo acaba, inclusive a vida, de forma incontornável. A morte agora se faz presente nos noticiários, nas redes sociais e dentro do nosso lar.

Contudo, o cenário de pandemia também tem evidenciado a tendência ainda presente da modernidade em negar a finitude e a dor. Isso se mostra por meio de diversos mecanismos de alienação ao luto coletivo que culminam na resistência, por parte de muitas pessoas, em acreditar na gravidade da doença e seguir os protocolos de segurança para evitar o contágio por coronavírus. Desse modo, a lógica instrumental patologizante do luto, dentro de um contexto de aceleração e produtividade, permanece operando com grande força, contribuindo para o agravamento da pandemia e aumento do número de óbitos. Nesse cenário complexo, a Psicologia se mostra como um campo de possibilidades com suas análises críticas e métodos de intervenção, apontando para a importância de vivenciarmos o luto coletivo gerado pela pandemia de Covid-19. Através de ações educativas, da prática clínica individual e grupal, nas mais diferentes instituições e esferas sociais, pode contribuir para o acolhimento e elaboração da dor diante da finitude e das perdas, conforme a maneira e a temporalidade em que se expressam.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BUARQUE, C. Construção. Disponível em: [Construção - Chico Buarque - LETRAS.MUS.BR](#). Acesso em 14 dez. 2020.
- CARNEIRO, S. V. **O luto na contemporaneidade à luz da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Doutorado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.
- FEIJOO, A. M. Dor, sofrimento e escuta clínica. **Arquivos IPUB**, Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 22-34, 2019.
- FEIJOO, A. M. [Live] Crise e Crítica: Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de COVID. YouTube Brasil. 29 Maio. 2020. Disponível em: [\[Live\] Crise e Crítica: Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de COVID \(29/05/2020\) - YouTube](#). Acesso em 9 dez. 2020.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HOMEM, M. **Lupa da alma: Quarentena-revelação**. São Paulo: Todavia, 2020.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Painel de emergência de saúde da OMS. Página inicial da OMS (COVID-19). Disponível em: [Brazil: WHO Coronavirus Disease \(COVID-19\) Dashboard | WHO Coronavirus Disease \(COVID-19\) Dashboard](#). Acesso em 02 ago. 2021.
- ROSA, H. **Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Direito Garantido: Detalhes sobre licença-anojo. 27 Mar. 2017. Disponível em : [Direito Garantido: Detalhes sobre licença-anojo - TST](#). Acesso em 14 dez. 2020.